

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE II - DEPOIS DA REVOLUÇÃO
14 e 28 de março de 2023

BASHU, GHARIBET KOUCHAK / 1986 *("O Pequeno Estrangeiro")*

um filme de Bahram Beizai

Realização, Argumento e Montagem: Bahram Beizai / **Fotografia:** Firuz Malekhzadeh / **Som:** Janangir Mirshekari, Ashar Shahverdi e Behrooz Moavenian / **Interpretação:** Sussan Taslimi (Naie), Parviz Poorhosseini (Bashu), Adnan Afravian, Akbar Doudkar, Farrokhlagha Houshmand, Reza Houshmand, Zabihollah Salmani, Mohtaram Khoshrou, Azam Rahbar, Mohammad Farkhah, Moazez Banidokht, Golshan Anousheh, Leila Sobhani, Golshan Kalantari.

Produção: Ali Reza Zarrin / **Cópia:** 35mm, cor, versão original falada em persa, legendada em francês e eletronicamente em português, 122 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

"São poucos os cineastas que são capazes de construir um espaço onde o real e o simbólico se encontram, se misturam e dialogam um com o outro". Foi assim que Eric Derobert começou o seu artigo sobre Bashu na revista Positif (Junho de 1991) para provar, logo de seguida, que Bahram Beizai é precisamente um desses cineastas raros que consegue fazer esta síntese. E Bashu é o filme encantado, que nos proporciona uma entrada neste espaço mágico, ao mesmo tempo real e simbólico, onde a guerra, a morte e o sofrimento dão lugar à paz e à serenidade por meio da mais inexplicável de todas as emoções humanas, o amor.

A história conta-nos as peripécias do jovem Bashu, natural de uma zona do Irão perto da fronteira com o Iraque. O momento que se vive é o da guerra entre os dois países e o filme começa logo com as explosões correspondentes ao bombardeamento iraquiano da aldeia onde Bashu nasceu. O rapaz consegue escapar, mas a família morre toda durante o bombardeamento. O destino leva Bashu a uma zona completamente diferente do Irão: uma zona mais "indo-europeia" em termos étnicos, menos influenciada pela cultura árabe, onde a língua, a paisagem e os costumes são radicalmente diferentes. Bashu é adoptado por Naie, uma mulher da região, uma espécie de Anna Magnani em versão iraniana, que apesar da oposição do resto da pequena comunidade agrícola em que vive, insiste em "reabilitar" o pequeno estrangeiro, alimentando-o, lavando-o (um pouco na esperança de ele se tornar branco, um toque cómico sem qualquer ressonância racista), fazendo tudo para o integrar na família e na comunidade. Isto equivale a um processo que se desenrola ao longo do filme, uma vez que a integração completa só ocorre no final; e Beizei segue o processo

pari passu, construindo minuciosamente as personagens e as situações, com o gosto miniatural pelo pormenor que associamos normalmente à sensibilidade oriental.

O efeito mais saliente de Bashu é a própria simplicidade característica do estilo de Beizei, que se adapta com singular adequação ao ambiente rural em que a acção decorre. Os gestos do quotidiano, a linguagem universal da dádiva e da confiança, a barreira ténue que separa as figuras humanas do resto da natureza - tudo isto é transfigurado pela mão de Beizei, de modo a resultar um poema cinematográfico de uma beleza vertiginosa que nos transmite a mensagem de que (nas palavras de Derobert) "às vezes a própria morte também recua , mesmo no Médio Oriente".

Frederico Lourenço